

EFEITOS DA ASCENSÃO DA CHINA SOBRE AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA EUA E AMÉRICA LATINA

Ângela Cristina Tepassê e Carlos Eduardo Carvalho ¹

Resumo

A concorrência das exportações chinesas de produtos manufaturados ameaça a competitividade das exportações da indústria brasileira em mercados mundiais, inclusive em importadores tradicionais de manufaturados brasileiros, como os países da América Latina. O trabalho analisa a evolução das exportações brasileiras e chinesas para EUA, América Latina em conjunto, Argentina Chile e México em quatro anos selecionados (1998, 2003, 2007 e 2008). Procura-se oferecer referências para a identificação de ameaças e oportunidades colocadas pela vigorosa ascensão da China como potência industrial.

Palavras-chave: exportações chinesas; China, Brasil e América Latina; concorrência chinesa.

Abstract

Chinese exports competition of manufactured goods threatens the export competitiveness of Brazilian industry in world markets, including traditional importers of Brazilian manufactured, as the countries of Latin America. The paper analyzes the evolution of Brazilian and Chinese exports to the U.S., Latin America as a whole, Argentina, Chile and Mexico in four selected years (1998, 2003, 2007 and 2008). It aims to provide references for identifying threats and opportunities posed by the strong rise of China as an industrial power.

Keywords: Chinese exports, China, Brazil and Latin America, Chinese competition.

Introdução

Na década de 1980, a China era exportadora de *commodities* e a alguns países da América Latina exportavam volumes relevantes de manufaturados. O quadro praticamente se inverteu nas décadas seguintes: a China avançou na produção e exportação de produtos com conteúdo tecnológico cada vez mais alto e o peso dos produtos primários cresceu na América Latina.

A base industrial brasileira é diversificada, mas sofreu com os momentos de forte instabilidade, baixo crescimento e ajustes estruturais profundos por duas décadas. A crise da dívida externa gerou desequilíbrios macroeconômicos profundos, com longos períodos de crescimento baixo. No mesmo período, houve “intenso processo de aceleração das inovações tecnológicas, de exacerbação da concentração empresarial e de mudança nos paradigmas de governança dos sistemas industriais dos países desenvolvidos” (Coutinho, Hiratuka e Laplane, 2003: 8) e a China é um dos poucos países não desenvolvidos que conseguiu uma inserção ativa nesse processo.

O PIB da China responde por 7% do PIB mundial (Banco Mundial, 2009), o crescimento mantém média anual em torno de 10% e 98,4% das exportações chinesas são compostas de produtos manufaturados, com 30,5% dos manufaturados em produtos de alta tecnologia. Para Castro (2008), tal como a mudança de centro de gravitação da Inglaterra para os Estados Unidos,

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP. Ângela Cristina Tepassê é Mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política. Carlos Eduardo Carvalho é Professor do Departamento de Economia.

que alteraria as oportunidades da América Latina – tendência diagnosticada pela então CEPAL - a nova economia "sino-cêntrica" tende a gerar efeitos de dimensão semelhante.

Esse trabalho analisa a evolução da participação de mercado do Brasil e da China nas importações dos EUA, América Latina em conjunto, Argentina, Chile e México, três dos principais mercados de produtos industriais brasileiros. O artigo destaca os anos selecionados de 1998, 2003, 2007 e 2008. O período 1998-2002 inclui duas desvalorizações cambiais (1999 e 2002) e a passagem para câmbio flutuante; nos anos de 2003-2007 houve forte aumento dos preços das *commodities* e intensificação das relações de comércio com a China; e 2008 foi o ponto crítico da crise mundial.

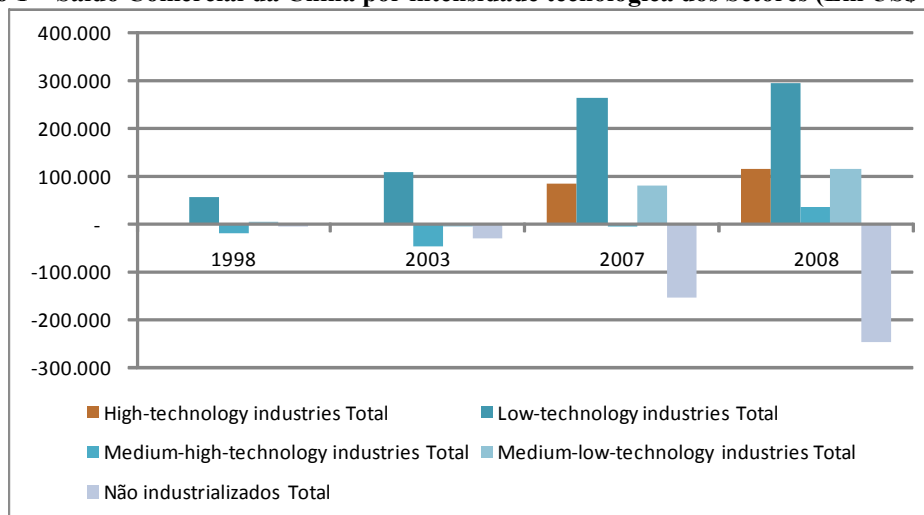
Além dessa introdução e das notas finais, o trabalho apresenta três seções: a primeira discute os desafios que o mundo crescentemente "sino-cêntrico" coloca para nossos países; a segunda apresenta alguns estudos sobre esses impactos na América Latina e no Brasil e expõe a metodologia adotada nesse trabalho e a terceira apresenta os resultados obtidos.

1. OS DESAFIOS DO MUNDO "SINO-CÊNTRICO" PARA NOSSOS PAÍSES

A China tornou-se um grande consumidor de *commodities*, principalmente minérios, combustíveis minerais e frutas oleaginosas, e também importa máquinas elétricas, equipamentos, reatores nucleares e caldeiras, além de grandes volumes de componentes eletrônicos.

As transformações recentes da economia chinesa aparecem na composição das pautas de exportações e importações (Gráfico 1), com a ressalva de que boa parte das exportações de maior conteúdo tecnológico incluem a importação de componentes para montagem de itens exportáveis. O déficit de produtos não industrializados cresceu 113 vezes em 1998-2008, enquanto o superávit em produtos de alta tecnologia incorporada subiu 55 vezes e o setor de média-alta tecnologia passou de um déficit de US\$ 17,45 bilhões para um superávit de US\$ 37,95 bilhões (Gráfico 1).

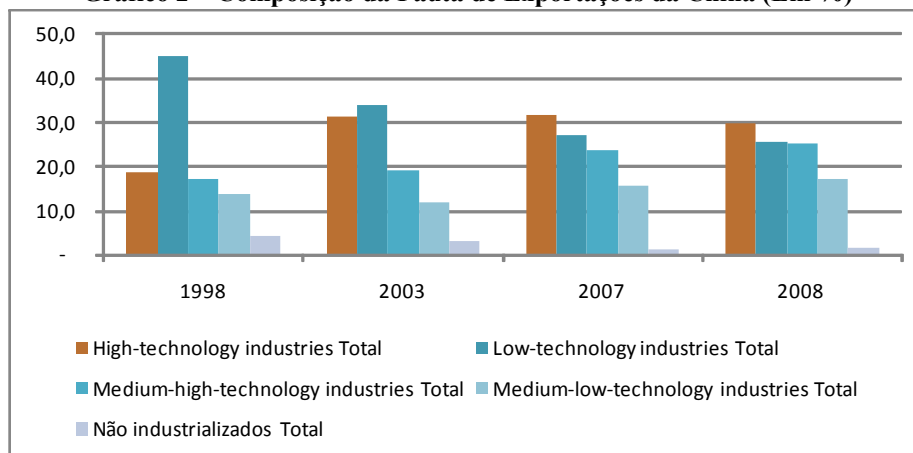
Gráfico 1 – Saldo Comercial da China por intensidade tecnológica dos Setores (Em US\$ Milhões)



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria

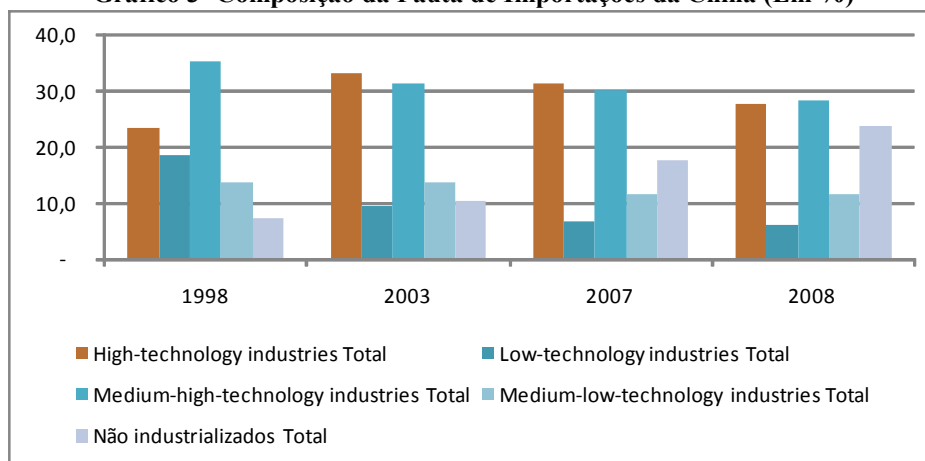
Os Gráficos 2 e 3 detalham as pautas de exportações e de importações.

Gráfico 2 – Composição da Pauta de Exportações da China (Em %)



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Gráfico 3- Composição da Pauta de Importações da China (Em %)



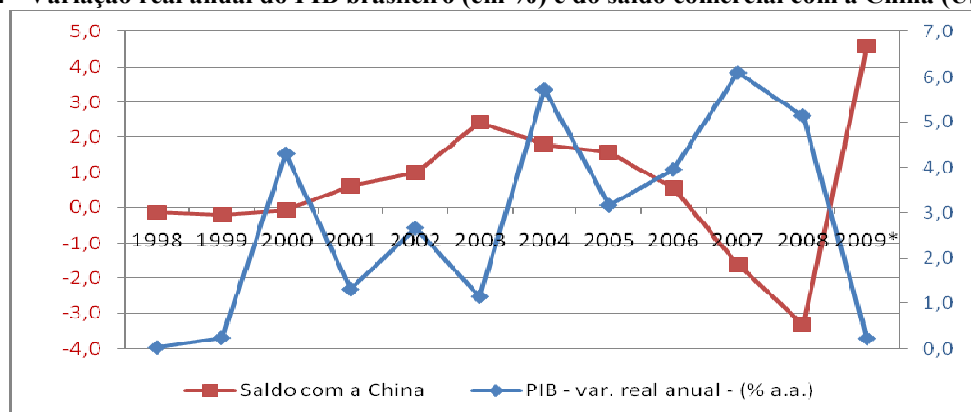
Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

A ascensão da China provocou mudanças significativas nas relações econômicas internacionais, entre as quais a inversão na tendência de evolução relativa entre preços de manufaturas e preços de *commodities*. Como a CEPAL destacou, em momentos de recessão mundial os preços das *commodities* tendiam a cair frente aos preços dos manufaturados, a tendência de deterioração dos termos de troca (PREBISCH, 1951). O que o cenário mundial nos mostra hoje, trata-se do contrário. A ascensão da China tornou a tendência dos preços dos produtos manufaturados declinante, enquanto a tendência dos preços das *commodities* é ascendente.

No caso do Brasil, depois do saldo positivo de US\$ 2,4 bilhões, com a China, em 2003, 10% do saldo total, o superávit declinou até aparecer déficit comercial de US\$ 3,6 bilhões em 2008, mas o superávit voltou com força em 2009 (Gráfico 4). Ou seja, em períodos de crescimento da economia brasileira, as importações provenientes da China crescem muito mais rápido do que as exportações destinadas a este país e, em momentos de desaceleração, como o Brasil é exportador de

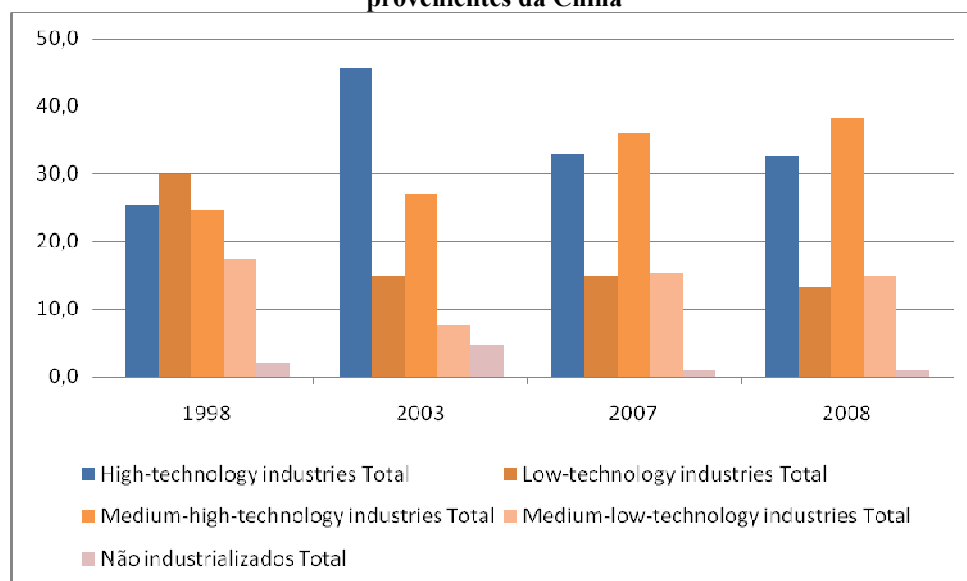
commodities, e num contexto de forte queda do produto industrial, ocorre o contrário, as exportações aumentam e as importações se retraem (BARBOSA & TEPASSÊ, 2009). O grande salto das exportações chinesas para o Brasil ocupa lacunas na estrutura produtiva geradas nas últimas décadas, especialmente em segmentos da indústria têxtil, de eletrônicos e de bens de capital (BARBOSA & TEPASSÊ, 2009). A composição do comércio Brasil-China está nos gráficos 5 e 6.

Gráfico 4 - Variação real anual do PIB brasileiro (em %) e do saldo comercial com a China (US\$ bilhões)



Nota: O dado de 2009 para o crescimento do PIB é uma projeção do boletim focus/BC.
Fonte: UN/Comtrade, IPEA e Boletim Focus/BC.

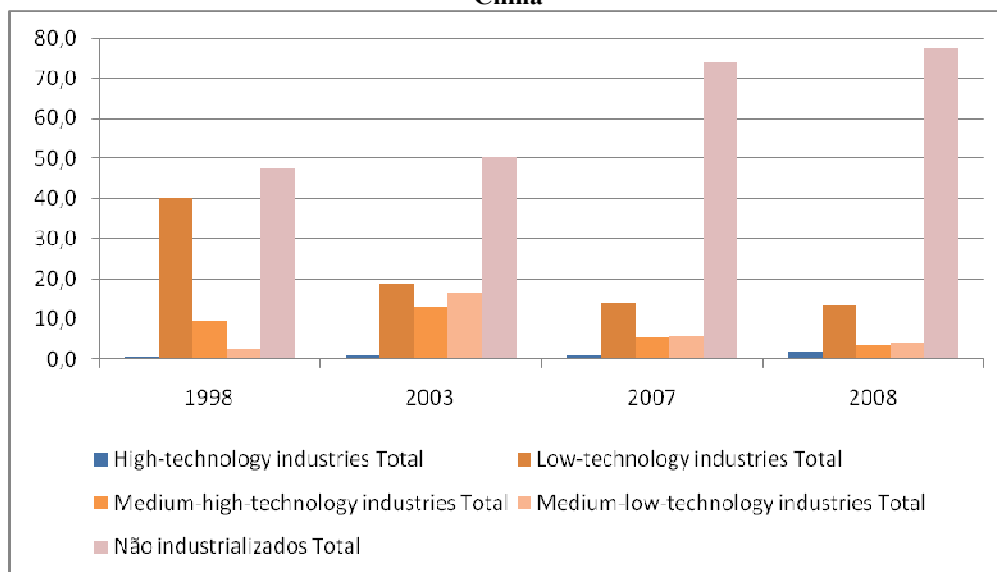
Gráfico 5 – Participação por intensidade tecnológica dos setores no total das importações brasileiras provenientes da China



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Na pauta de exportações brasileiras para a China, os produtos dos setores de baixa, média-baixa e média-alta tecnologia perdem participação para os produtos não industrializados. Entre 1998 e 2008, a participação dos setores de baixa tecnologia caiu de 40,0% para 13,3%, enquanto a participação dos setores não industrializados aumentou a participação de 47,5% em 1998 para 77,4% em 2008 (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Participação por intensidade tecnológica dos setores no total das exportações brasileiras destinadas à China



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Para Castro (2008), quanto mais complexo o parque industrial, maior a pressão competitiva chinesa sobre o sistema produtivo. Como a China conseguiu implantar um sistema industrial amplo e competitivo nos vários elos da cadeia, países que adotaram um modelo de industrialização intensiva, como o Brasil e o México, tendem a ser mais prejudicados. Se confirmada essa tendência à inversão dos preços de *commodities* x manufaturas, então, isso significaria dizer que o consumo “modernizado”², como Celso Furtado chamava, poderia ser difundido por toda a sociedade, salvo os problemas que isso geraria para o meio ambiente.

Ainda que possam parecer, no curto prazo, questionáveis, as teses cepalinas, pela melhoria dos termos de intercâmbio, para Barbosa (2009):

“(...) elas nos auxiliam a compreender como a relação bilateral com a China pode levar a um padrão de especialização produtiva incapaz, por si só, de trazer transformações estruturais e aumento pronunciado da produtividade aos países da região. Neste sentido, a ascensão chinesa jogaria a última pá de cal sobre a promessa de um desenvolvimento minimamente endógeno latino-americano, devendo, neste caso, a “culpa” ser imputada à ausência de visão estratégica por parte dos países da região” (BARBOSA, 2009: 22).

Como pensar então o progresso técnico, a industrialização e o desenvolvimento endógeno (FAJNZYLBER, 1998), frente à concorrência chinesa e à tendência de queda dos preços dos manufaturados? Castro (2008) argumenta que não se trata de mera bolha a demanda da China por *commodities*, especialmente no que diz respeito a metais e combustíveis. Para ele:

“Na realidade, a renda por habitante chinesa, após mais de 25 anos de crescimento acelerado, ainda se encontra (medida em PPP) no entorno de 6.600 dólares. Desta forma, se o *catch up* chinês não for abortado (como o foi o brasileiro), há muito caminho pela frente: estima-se que o consumo de metais, por exemplo, só desacelere a partir de uma renda média situada entre 15.000 a 20.000 dólares. Isso implica dizer que a pressão sobre os recursos naturais deve prosseguir por muitos anos (CASTRO, 2008: 21)”.

²Ver Furtado, Celso. O Mito de Desenvolvimento Econômico. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985

Tal visão embasa propostas de estratégias industriais voltadas para a transformação produtiva no sentido de voltar a base industrial para os recursos naturais e realizar as inovações tecnológicas nesse sentido. Isso significa utilizar a estrutura industrial brasileira atual a serviço dos recursos naturais e realizar inovações tanto nessa nova indústria como nos próprios recursos naturais, tais como as inovações biotecnológicas nas sementes dos grãos (FURTADO, 2008).

De acordo com João Furtado (2004), uma das características das inovações tecnológicas no sistema agroindustrial refere-se às formas de agregação de valor. Essa pode ser via a incorporação de mais uma etapa de produção, ou agregação nas próprias etapas de atuação da empresa. No primeiro caso tem-se o seguinte exemplo:

“Tal como exportar aço agrega mais valor do que a venda do minério, vender carnes resulta em valor superior à venda do grão que alimenta os animais. Portanto, de um ponto de vista nacional, agregar valor aos produtos básicos resulta em maior densidade de valor e exportações superiores. Existiria aqui uma exceção. Ela pode não ser importante em termos quantitativos, mas ajuda a compreender alguns aspectos da questão – e da confusão – relacionada com agregar valor e avançar nas cadeias. Uma matéria-prima de qualidade pode depreciar-se por um tratamento inadequado da próxima etapa, seja ou não industrial. O exemplo famoso é o de países produtores de couro de qualidade que lhe retiram valor quando produzem sapatos sem qualidades técnicas ou inserção comercial adequada. Um café torrado de forma inadequada pode valer menos do que o café em grão. Afora estes casos, que correspondem a exceções pontuais, na maioria dos casos o avanço na cadeia corresponde a uma efetiva agregação de valor no país” (Furtado, 2004: 16).

Já no segundo caso, trata-se de:

“Por mais restrito que seja o mercado, laranjas e suco de laranjas orgânicos são atividades que criam mais valor sem demandarem uma nova atividade, uma nova etapa. O “boi orgânico” está na mesma linha. A elevação progressiva da qualidade dos cafés brasileiros não apenas não demanda a agregação da etapa industrial de produção de café solúvel como pode, é provável, impedir a deterioração da qualidade do produto básico que este produto industrial propicia” (Furtado, 2004: 16).

Para João Furtado (2004), o desenvolvimento do conjunto da agroindústria depende de pelo menos quatro grupos de protagonistas:

“(…) as grandes empresas fornecedoras de insumos, sobretudo químicos, farmacêuticos, veterinários e sementes; equipamentos – um universo que vai dos tratores e colheitadeiras aos silos e sistemas de transportes e armazenagem; a infraestrutura de pesquisa, com destaque para o sistema público; e um amplo conjunto de empresas, organismos e instituições cujas atividades se relacionam direta e indiretamente com o sistema agroindustrial” (Furtado, 2004: 16).

Essa estratégia, já em processo na economia brasileira, no entanto, envolve desafios perigosos. Primeiro por causa da mudança no perfil alimentar e a política de segurança alimentar chinesa. Em 2004, a taxa de auto-suficiência da China, em grãos, era de 94% e a segurança alimentar do país estava assegurada em uma taxa de auto-suficiência de 85% (GIPOULOUX, 2005).

Com a crescente urbanização, está caindo o consumo de alimentos básicos como trigo, arroz, milho, tubérculos e leguminosas. Além disso, tudo indica que a soja brasileira exportada à

China, mesmo com alto conteúdo tecnológico, serve apenas de alimentação para o gado e isso porque há dificuldade de distribuição do excedente do Nordeste para o Sul naquele país (GIPOULOUX, 2005).

Segundo, a China investe pesadamente em pesquisa tecnológica para reduzir sua dependência dos recursos naturais. Isso implica na seguinte questão: as estimativas de demanda da China por *commodities* levam em consideração os possíveis avanços tecnológicos capazes de reduzir sua dependência desses produtos? Se não levam, existe a possibilidade dessa demanda se desaquecer antes que o Brasil logre realizar essa transformação produtiva.

Terceiro, é questionável a capacidade de geração de emprego e de dinamismo tecnológico de uma estrutura produtiva fortemente dependente de incorporação de tecnologia a produtos primários.

Por fim, se é para se pensar em desenvolvimento, é preciso ter clareza que fazer política industrial significa fortalecer alguns grupos da sociedade. Seria, portanto, de grande relevância, levando-se em consideração as peculiaridades históricas da agricultura e da pecuária no Brasil, realizar um estudo sobre as consequências de caráter sociológico de se privilegiar o grupo dos agroindustriais.

A título de ilustração, a pecuária é uma das principais atividades que utilizam trabalho escravo para derrubada de mata para abertura ou ampliação da pastagem e para a retirada de plantas indesejáveis. Para isso, além da poda manual, aplica-se veneno. Além dos problemas ambientais que tal atividade acarreta, não são fornecidos equipamentos de segurança recomendados pela legislação. A pele dos trabalhadores fica carcomida pelo produto químico, com lesões que não curam, além de tonturas, enjôos e outros sintomas de intoxicação. Esta expansão das áreas de pastagem está intimamente ligada à expansão da fronteira agrícola e da agroindústria. Existem os Grupos Móveis de Fiscalização, que são integrados de Auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), agentes e delegados da Polícia Federal e procuradores do Ministério Público do Trabalho (MPT)³. Entretanto, tais grupos chegam a percorrer meses por vastas fazendas sem conseguir encontrar os trabalhadores que ficam escondidos. A imensidão das fazendas e do território brasileiro é um obstáculo importante para a atuação da fiscalização.

³ Sobre isso ver www.reporterbrasil.com.br/ e documentos da Organização Internacional do Trabalho.

2. ESTUDOS SOBRE OS IMPACTOS DO CRESCIMENTO CHINÊS

Para analisar os efeitos do comércio com a China em 34 países, sendo 15 da América Latina, de 1998 a 2004, Blázquez-Lidoy, Rodriguez e Santiso (2006) utilizaram uma base de dados de 620 produtos e dois índices de competitividade comercial. A conclusão foi de que os efeitos do comércio com a China são positivos no curto e no médio prazos, por elevação da demanda de produtos agrícolas, mas com prejuízos para setores como têxtil e manufaturas intensivas em mão-de-obra. Os autores alertam para o risco de o rápido aumento da demanda chinesa acentuar a especialização dos países latino-americanos em produtos básicos, já que a volatilidade dos preços desses produtos poderia gerar oscilações na taxa de crescimento. Os três pesquisadores destacam que não há “uma fórmula mágica para o desenvolvimento nem uma chave mágica para conceber um paradigma comum que permita abrir as portas ao milagre do desenvolvimento”, já que a China não parece ter seguido os conselhos de nenhuma escola de pensamento para definir suas políticas de crescimento (BLÁZQUEZ-LIDOY, RODRIGUEZ E SANTISO, 2006: 38).

É nesse sentido que HIRATUKA e SARTI (2007) analisaram a concorrência entre Brasil e China, mas em produtos manufaturados nos mercados do Mercosul, Aladi e Nafta, com o intuito de avaliar em que medida o crescimento das exportações chinesas representam uma ameaça às exportações brasileiras. Para isso, utilizaram três índices: o primeiro mostra a similaridade das estruturas de importação de países selecionados, em relação a produtos da China e do Brasil, o mesmo utilizado no trabalho de Blázquez-Lidoy et al. (2006). O segundo índice mostra o grau de diversificação da pauta de importações dos países em relação aos produtos provenientes do Brasil e da China. E o último compara a evolução da participação de mercado dos dois países em cada produto e verifica em quais produtos existe ameaça direta ou indireta.

Neste artigo, os autores constataram uma convergência das pautas de exportação dos dois países nos mercados analisados. Os indicadores de participação de mercado apontaram para uma crescente “ameaça direta” chinesa às exportações brasileiras para a Aladi, Mercosul e Nafta. Já a análise do índice de diversificação mostrou concentração crescente da pauta de importação do Mercosul e da Aladi em relação aos produtos brasileiros. No caso da Aladi verifica-se uma tendência oposta para as importações provenientes da China. Para o Nafta, a maior diversificação das importações provenientes do Brasil pode ser associada à baixa participação de mercado brasileiro. Para eles, a desaceleração da economia norte-americana acirrará a competição entre exportações dos dois países, nos EUA, no Mercosul e Aladi (HIRATUKA & SARTI, 2007).

O trabalho de Machado e Ferraz (2006) procura estimar ganhos e perdas de competitividade das exportações brasileiras no mercado importador chinês. Para isso, apresenta um panorama das características e tendências do comércio bilateral entre Brasil e China examinando as exportações a

esse país de 1996 a 2002 (MACHADO & FERRAZ, 2006). Para isso, analisam perdas e ganhos segundo quatro critérios: distribuição setorial e principais produtos; classe de produtos: básicos, semimanufaturados e manufaturados; dinamismo das importações chinesas: produtos muito dinâmicos, dinâmicos, intermediários, em regressão ou decadência; intensidade tecnológica dos produtos industrializados: baixa, média-baixa, médio-alta e alta. O estudo também avalia o impacto da concorrência chinesa sobre as exportações brasileiras para os EUA, União Européia, Argentina, Japão e seis países asiáticos, denominados pelo autor de Ásia-Pacífico. Os mostram autores que entre 2001 e 2003, as exportações brasileiras de produtos básicos e semimanufaturas para a China aumentaram a participação enquanto a de manufaturados caiu. Outra característica dessa relação de comércio é que os produtos exportados são concentrados em poucos setores produtivos. Os principais são agropecuário e extrativo-mineral. Além disso, essa concentração não mudou muito ao longo de vinte anos. Para eles, os ganhos brasileiros com as exportações à China não parecem refletir uma estratégia de diversificação (MACHADO & FERRAZ, 2006).

Com relação às importações brasileiras provenientes da China, os autores também apontam uma concentração considerável, mas em produtos sofisticados, como equipamentos eletrônicos, siderurgia, químicos, indústrias diversas e material elétrico. Outra conclusão dos autores é que os ganhos de competitividade do Brasil no mercado chinês estão de acordo com a política industrial da China de procurar limitar importações de produtos básicos e fomentar a produção interna e a exportação de bens finais. Os autores também salientam que, no período analisado, o Brasil perdeu competitividade para a China em todos os mercados analisados, exceto na Argentina, mas mesmo nesse caso os ganhos foram modestos e em meio à conjuntura de redução das importações com a forte crise nesse país em nosso vizinho naquele período (MACHADO & FERRAZ, 2006).

Jenkins, Peters e Moreira (2007), também analisaram os impactos da China na América Latina e Caribe no comércio e nos fluxos de investimento direto externo. As conclusões desses autores são muito parecidas com as conclusões de Blázquez-Lidoy et al. (2006). Para eles, há ganhadores e perdedores nessa relação, tanto no plano dos países como no plano dos setores.

Os autores acham que há um consenso nessa literatura que apresenta muitas limitações. O consenso estaria em que produtores e exportadores de produtos brutos, agrícolas e agroindustriais, particularmente Brasil, Argentina, Chile e Venezuela, seriam os vencedores em termos de troca com a China, enquanto México e América Central, especializados em cadeias de fios, têxtil vestuário, bem como em eletrônicos, automotivos e autopeças, seriam os países perdedores (JENKINS, PETERS & MOREIRA, 2007). A limitação estaria, em primeiro lugar, em focar só na integração das exportações dos países da América Latina, sem considerar os impactos das exportações da China na região e a natureza do comércio bilateral entre América Latina e China que reproduz o modelo centro-periferia de trocas de manufaturas por produtos brutos. Em segundo lugar, não dar,

também atenção suficiente, para a sustentabilidade ecológica, social e econômica das exportações desses países que aparentemente são os bem-sucedidos. Em terceiro, questionam se esses países podem continuar a produzir esses itens com igual dinamismo por muito tempo. Por fim, os autores colocam que esse consenso não leva em conta que o potencial das exportações de manufaturados da China é enorme e que as exportações da América Latina de produtos brutos são relativamente baixas. Com isso, a combinação de pouco dinamismo dessas exportações e crescentes importações de manufaturados chineses pode virar rapidamente a balança comercial em favor da China (JENKINS, PETERS & MOREIRA, 2007).

Todos esses trabalhos, exceto de Hiratuka e Sarti (2007), apresentam dados de no máximo até 2004. Apesar de o artigo de Hiratuka e Sarti (2007) apresentar dados mais atualizados, de 2006, os autores não fazem uma análise tão profunda com tal nível de detalhamento como o trabalho de Ferraz e Machado (2006) faz para os dados de 1996-1997 e 2001-2002.

A proposta nesse capítulo é fazer uma análise detalhada, com dados até 2008, ou seja, em um contexto no qual o Brasil já possui déficit na relação de comércio com a China.

Os dados de comércio foram extraídos basicamente do Comtrade acessados pelo World Integrated Trade Solution (WITS). A classificação utilizada foi a de produtos, ou seja, Harmonized System (HS) em 6 dígitos, todas trazidas para a mesma versão de nomenclatura e transformadas na classificação de setores International Standard Industrial Classification Revisão 3 (ISIC Rev3). De ISIC Rev3 os setores foram separados de acordo com a classificação da OCDE de setores e intensidade tecnológica. O propósito de usar a classificação de produtos em seu maior nível de desagregação é poder citar, quando necessário, os produtos mais relevantes que compõem determinada pauta.

A análise do período de 1998 a 2008 foi feita a partir dos dados obtidos para os anos de 1998, 2003, 2007 e 2008, destacados pelos motivos já expostos. Para a análise do desempenho exportador e da concorrência entre Brasil e China em outros mercados, foi calculada a participação de cada um nas importações dos EUA e de alguns países da América Latina, por tipo de produto, classificados por intensidade tecnológica e por setor, segundo a metodologia da OCDE. A escolha dos EUA se justifica por ser o maior mercado importador e o mais dinâmico. A escolha de dois países da América Latina, Argentina e México, se justifica pela relevância da região para as exportações brasileiras de produtos industrializados.

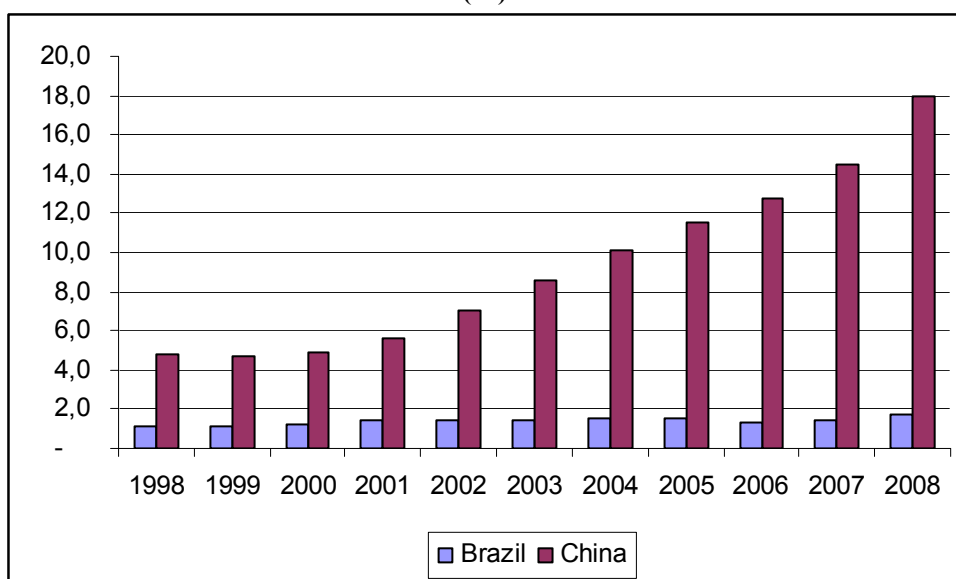
3. EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA EUA, AMÉRICA LATINA ARGENTINA, CHILE E MÉXICO

Nessa seção apresentamos a evolução da participação das exportações do Brasil e da China nas importações dos EUA, da América Latina, da Argentina, do Chile e do México, por intensidade tecnológica e por setor.

3.1 Exportações de Brasil e China para os EUA

Os Estados Unidos importaram US\$ 1.342,3 bilhões em 2008, sendo US\$ 27,7 bilhões do Brasil e US\$ 252,8 bilhões da China. A participação do Brasil nas importações de industrializados ficou 1,4% na média, a partir de 1998, enquanto a China saiu de 5% para 18% (Gráfico 7).

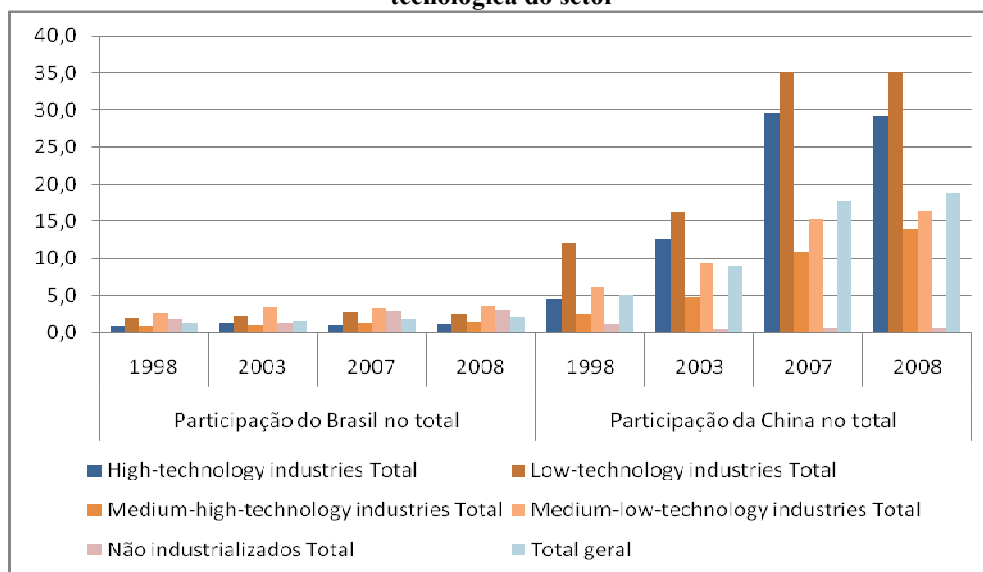
Gráfico 7 – Evolução da participação de Brasil e China nas importações de produtos industriais dos Estados Unidos (%)



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em 1998, a participação da China nos produtos de baixa tecnologia era 12,0%, com 4,5% nos produtos de alta tecnologia, percentuais que atingiram 35% e 29,3% em 2008. O Brasil não aumentou sua participação de forma significativa em nenhum setor nas importações dos EUA. Mesmo em produtos não industrializados o avanço foi de apenas 1,8% para 3,1% apenas, único setor em que o Brasil ganhou participação e a China perdeu (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas aos Estados Unidos por intensidade tecnológica do setor



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em setores de baixa tecnologia, a China passou de 12,0% em 1998 para 35%, enquanto o Brasil foi de 1,9% para 2,5%, respectivamente. A participação da China é superior a do Brasil em todos os setores. Em produtos dos setores de alimentos, bebidas e tabaco e de madeira, papel e celulose, em 1998 o Brasil concorria com a China, com participação superior, e em 2008 a participação da China já era mais que o dobro da brasileira (Tabela 1).

Tabela 1 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas aos Estados Unidos por setor de baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Food products, beverages and tobacco	2.113	4.305	2,5	2,4	4,1	4,2	2,3	4,2	8,4	8,6
Manufacturing, n.e.c.; Recycling	306	27.402	0,4	0,8	0,7	0,5	18,5	24,2	43,3	45,6
Textiles, textile products, leather and footwear	1.124	38.512	2,4	2,4	2,4	1,6	19,0	24,1	59,1	53,5
Wood, pulp, paper, paper products, printing and publishing	1.859	6.407	2,3	4,1	4,6	5,0	1,6	4,8	15,2	17,4
Total	5.401	76.626	1,9	2,3	2,7	2,5	12,0	16,3	35,1	35,0

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Na indústria de média-baixa tecnologia, as importações totais dos Estados Unidos foram de US\$ 208,8 bilhões. A participação da China triplicou e a do Brasil cresceu 50% (Tabela 2), com base principalmente na venda de plataformas submersíveis de perfuração, no valor de US\$ 861,8 milhões. Brasil e China não exportaram esse produto para os Estados Unidos, em 2003 e 2007, mas em 1998, os Estados Unidos importou US\$ 52,6 milhões desse produto da China. Isso pode indicar uma oportunidade de mercado para o Brasil explorar e talvez mereça um estudo mais aprofundado.

Tabela 2 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas aos Estados Unidos por setor de média-baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Basic metals and fabricated metal products	4.830	19.814	3,4	3,7	4,8	4,6	4,6	9,7	17,8	18,9
Building and repairing of ships and boats	867	102	0,2	0,0	1,8	19,5	3,8	0,7	2,8	2,3
Coke, refined petroleum products and nuclear fuel	571	1.893	0,1	5,4	0,9	1,0	2,4	1,8	1,7	3,3
Other non-metallic mineral products	746	3.170	1,7	3,9	7,3	5,5	8,9	11,5	23,7	23,3
Rubber and plastics products	535	9.242	1,3	1,3	1,8	1,8	10,5	15,9	29,3	31,5
Total	7.549	34.221	2,5	3,5	3,4	3,6	6,1	9,3	15,3	16,4

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

No caso dos setores de média-alta tecnologia, as importações dos Estados Unidos foram de US\$ 396,9 bilhões em 2008 e a participação da China cresceu seis vezes desde 1998. No setor de veículos motores, trailers e semi-trailers, em 1998 a participação do Brasil era 0,2% maior que a da China, mas em 2008 a China tinha 5,2% e o Brasil, apenas 0,9% (Tabela 3).

Tabela 3 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas aos Estados Unidos por setor de média-alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Chemicals excluding pharmaceuticals	1.262	7.713	1,1	1,1	1,5	1,6	2,5	3,8	6,9	10,1
Electrical machinery and apparatus, n.e.c.	986	15.904	0,5	0,7	1,7	1,5	6,6	11,0	25,7	24,5
Machinery and equipment, n.e.c.	1.663	22.566	1,2	1,4	1,6	1,5	3,3	9,2	17,9	20,5
Motor vehicles, trailers and semi-trailers	1.329	7.349	0,6	0,9	0,7	0,9	0,4	1,2	3,8	5,2
Railroad equipment and transport equipment, n.e.c.	159	1.848	0,4	1,5	2,1	3,0	10,6	20,2	24,5	34,8
Total	5.400	5.379	0,8	1,0	1,2	1,4	2,3	4,8	10,9	14,0

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Os produtos de alta tecnologia importados pelos Estados Unidos somaram US\$ 289,6 bilhões em 2008. A participação da China foi de 4,5% para 29,3% entre 1998 e 2008, enquanto a participação do Brasil permaneceu em torno de 1%. O único setor em que o Brasil tem uma participação superior à da China é aviões e espaçonaves, mas a participação da China cresceu 4,6 vezes entre 1998 e 2008, enquanto a do Brasil cresceu apenas em 1,9% (Tabela 4). O Brasil tem vantagem sobre a China em vários produtos, principalmente em aviões, turbo jatos e helicópteros prontos de médio porte. Entretanto, a participação da China está crescendo também nesses produtos.

Além disso, a China vem ganhando participação em peças e partes e já ultrapassa a participação do Brasil em vários casos (Tabela 5).

Tabela 4 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas aos Estados Unidos por setor de alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Aircraft and spacecraft	2.493	559	4,0	6,4	5,8	7,6	0,4	0,5	1,3	1,7
Medical, precision and optical instruments	150	6.551	0,5	0,3	0,3	0,3	4,5	4,9	11,4	13,2
Office, accounting and computing machinery	68	47.346	0,1	0,1	0,1	0,1	6,5	25,4	59,2	62,7
Pharmaceuticals	193	1.955	0,3	0,1	0,3	0,4	2,9	2,1	2,4	3,6
Radio, TV and communications equipment	276	28.324	0,6	1,5	0,5	0,4	4,7	14,1	45,2	36,5
Total	3.180	84.734	0,9	1,3	1,0	1,1	4,5	12,5	29,5	29,3

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Tabela 5 – Participação de Brasil e China nas exportações de Aviões e Espaçonaves destinadas aos Estados Unidos

Product Name HS 2007	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Aeroplanes & other aircraft, of an unladen weight >2000 kg but not >15000kg	317	1	19,7	28,0	8,3	9,1	0,2	0,0	0,0	0,0
Parts of aeroplanes/helicopters, other than propellers, rotors, under-carriages & parts thereof	88	251	2,3	1,2	0,8	1,9	1,5	2,9	3,5	5,3
Turbo-jets, of a thrust not >25kN	4	1	2,0	5,8	6,2	0,6	0,0	0,0	0,2	0,1
Parts suit. for use solely/principally with the aircraft engines of 84.07	1	0	2,0	1,8	3,5	0,5	0,0	0,0	0,0	0,2
Parts of the turbo-jets/turbo-propellers of 8411.11-8411.22	10	196	1,1	0,3	0,1	0,1	0,2	0,6	1,6	2,3
Under-carriages & parts thereof, of goods of 88.01/88.02	18	4	0,6	0,8	2,9	2,2	0,0	0,0	0,9	0,5
Aeroplanes & other aircraft, of an unladen weight not >2000kg	0	-	0,5	0,7	0,6	0,3	1,7	0,1	0,0	0,0
Helicopters of an unladen weight not >2000kg	3	-	0,5	1,8	0,8	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Aeroplanes & other aircraft, of an unladen weight >15000kg	2.002	66	0,5	0,0	20,5	24,5	0,0	0,0	0,1	0,8
Turbo-propellers, of a power >1,100kW	2	-	0,2	0,1	0,0	1,9	0,0	0,0	0,0	0,0
Turbo-jets, of a thrust >25 kN	44	21	0,2	0,0	1,2	1,5	0,1	0,2	0,7	0,7
Propellers & rotors & parts thereof, of goods of 88.01/88.02	1	1	0,1	0,6	0,5	0,5	0,2	0,0	0,7	0,6
Parts of goods of 88.01/88.02, n.e.s. in 88.03	3	19	0,0	0,1	0,4	1,4	0,2	0,7	3,7	8,9
Total	2.493	559	4,0	6,4	5,8	7,6	0,4	0,5	1,3	1,7

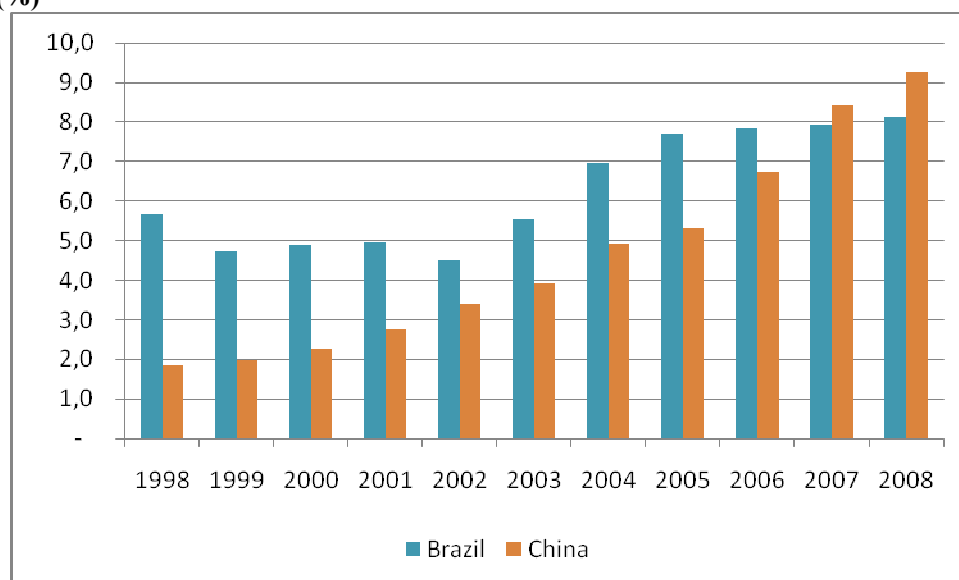
Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

3.2 Exportações de Brasil e China para a América Latina

A ascensão chinesa no comércio mundial afeta a estrutura produtiva brasileira em vários aspectos. O Brasil é importante exportador de produtos industriais para a América Latina, mas a participação da China nesse mercado cresceu significativamente nos últimos anos, gerando um efeito de deslocamento. Esse é mais um aspecto da pressão competitiva que a China impõe sobre a estrutura produtiva brasileira.

Em 1998, o Brasil possuía uma participação 3,1 vezes maior que a da China nas importações de produtos industriais da América Latina. Em 2006, a participação do Brasil chega a 7,9% e da China a 6,7%. Já em 2007, a participação da China é maior que a do Brasil e, em 2008, a China já apresenta uma participação 1,1 vezes maior que a do Brasil (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Evolução da participação de Brasil e China nas importações de produtos industriais da América Latina (%)



Nota: América Latina exceto Brasil.

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

A participação do Brasil no total das exportações destinadas à esse continente, cresceu 1,4 vezes, enquanto a da China cresceu 5,0 vezes, ultrapassando a participação do Brasil em 3,6 pontos percentuais, em 2008.

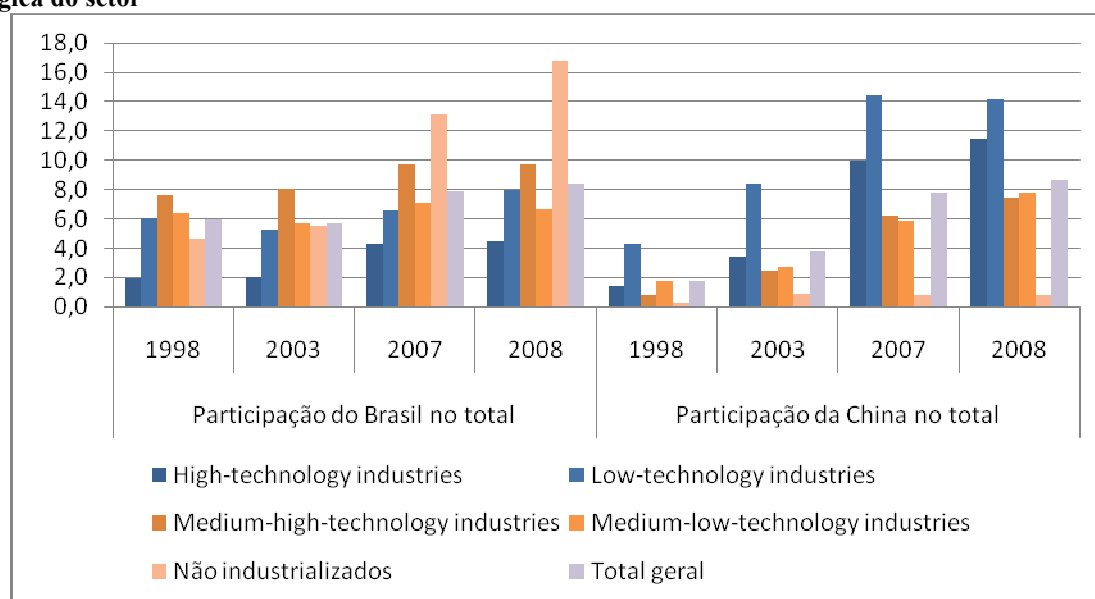
Em setores de baixa tecnologia incorporada, o Brasil era origem de 6,1% das importações latino-americanas em 1998, enquanto a China, apenas 4,3%. Já em 2008, a participação da China apresenta-se 6,3 pontos percentuais superior à do Brasil.

Nos setores de média-baixa tecnologia, o Brasil tinha uma participação de 6,4% em 1998 e a China de apenas 1,8%. Em 2008, a participação da China supera a brasileira em 1,1 pontos percentuais.

Em média-alta tecnologia, o Brasil ainda tem vantagem em relação à China, mas a velocidade de crescimento da participação da China é muito superior à brasileira. Sua participação era de 7,6% em 1998 e chega a 9,7% em 2008, enquanto a China sai de 0,8% e atinge 7,5%. Ou seja, a participação chinesa cresceu a uma taxa 29,8 vezes maior que a brasileira.

Em alta tecnologia, a participação do Brasil, em 1998, era 1,4 vezes maior que a da China. Em 2008, essa relação se inverte, a participação da China, agora, é 2,6 vezes maior que a do Brasil (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à América Latina por intensidade tecnológica do setor



Nota: América Latina exceto Brasil.
Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de baixa tecnologia incorporada, é interessante observar como a China ganhou espaço na América Latina em manufaturas em geral não especificadas e produtos têxteis, couro e sapatos, atingindo, em 2008, uma participação de 20,7 e 33,7%, respectivamente, nesses setores. O Brasil tem vantagem em relação à China em comidas, bebidas e tabaco e em madeira, papel, celulose impressões e publicações (Tabela 6).

Tabela 6 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à América Latina por setor de baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Food products, beverages and tobacco	3.925	639	8,1	6,1	8,1	10,8	0,4	0,6	1,5	1,8
Manufacturing, n.e.c.; Recycling	522	2.223	3,4	3,7	4,8	4,9	5,1	9,4	17,4	20,7
Textiles, textile products, leather and footwear	1.518	9.803	4,4	4,2	5,0	5,2	9,0	17,9	32,4	33,7
Wood, pulp, paper, paper products, printing and publishing	1.407	519	7,9	6,6	7,9	8,5	0,3	0,6	3,0	3,1
Total	7.372	13.184	6,1	5,2	6,6	7,9	4,3	8,4	14,5	14,2

Nota: América Latina exceto Brasil.
Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em média-baixa tecnologia incorporada, a China ultrapassou a participação do Brasil em todos os setores em que ainda não tinha uma participação maior, exceto em metais básicos e seus produtos.

Nos metais e produtos de metais, o Brasil tinha uma participação de 9,7% em 1998 enquanto a participação da China era de 1,5%, ou seja, 6,4 vezes maior que da China. Em 2008, o Brasil encerra o ano com uma participação apenas 1,1 vezes maior que a da China.

Em outros produtos minerais não metálicos. Em 1998, a participação do Brasil era 2,5 vezes maior que a da China, já em 2008, essa relação aparece invertida, ou seja, a China tem uma participação 1,4 vezes maior que a do Brasil no total das exportações destinadas à América Latina.

A mesma inversão de relação também ocorre no caso de produtos de borracha e plásticos. Neste caso, a participação do Brasil era 3,7 vezes superior à da China em 1998 e, em 2008, a China apresenta participação 1,0 vezes superior à do Brasil (Tabela 7).

Tabela 7– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à América Latina por setor de média-baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Basic metals and fabricated metal products	5.263	4.718	9,7	10,2	11,8	11,6	1,5	2,9	7,8	10,4
Building and repairing of ships and boats	27	540	0,3	0,1	0,0	0,1	0,9	0,1	1,0	2,6
Coke, refined petroleum products and nuclear fuel	1.350	2.506	0,1	1,4	3,3	3,0	4,8	2,7	3,5	5,6
Other non-metallic mineral products	671	940	10,6	9,7	12,3	11,8	4,2	5,9	12,4	16,6
Rubber and plastics products	1.672	1.751	5,8	5,8	8,4	9,0	1,6	3,6	7,9	9,5
Total	8.982	10.456	6,4	5,7	7,1	6,7	1,8	2,7	5,8	7,8

Nota: América Latina exceto Brasil.

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de média-alta tecnologia, o Brasil tem vantagem sobre a China em produtos químicos exceto farmacêuticos e veículos motorizados, trailers e semi-trailers. No caso de produtos químicos, a participação do Brasil caiu de 7,4% em 1998 para 7,1% em 2008, enquanto a da China cresceu de 0,9% em 1998 para 6,5% em 2008. Ou seja, a China tende a ultrapassar a participação brasileira. Já no caso de veículos motorizados, trailers e semi-trailers, a participação do Brasil ainda é 5,6 vezes maior que a da China, mas essa cresceu de 0,2% para 3,0% entre 1998 e 2008.

Em máquinas e equipamentos a China passa a exportar mais para a América Latina do que o Brasil. A participação do Brasil em 1998 era 5,8 vezes maior que a da China e em 2008 a participação da China já é 1,2 vezes maior que a do Brasil. Caso semelhante é o de maquinaria elétrica e seus aparatos, mas, nesse caso, a participação da China já é maior que a brasileira no ano de 2003. Em 1998 a participação do Brasil era 2,8 vezes maior que a da China, já em 2008, a China tem participação 1,7 vezes maior que a do Brasil (Tabela 8).

Tabela 8– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à América Latina por setor de média-alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Chemicals excluding pharmaceuticals	4.266	3.900	7,4	7,0	7,7	7,1	0,9	2,3	5,0	6,5
Electrical machinery and apparatus, n.e.c.	1.591	2.644	3,0	3,0	5,0	5,5	1,1	3,9	7,4	9,1
Machinery and equipment, n.e.c.	5.079	6.338	5,4	6,8	7,7	7,9	0,9	2,8	8,9	9,9
Motor vehicles, trailers and semi-trailers	10.111	1.821	12,7	13,0	15,2	16,4	0,2	0,6	2,4	3,0
Railroad equipment and transport equipment, n.e.c.	219	1.605	4,7	6,8	8,1	6,9	8,5	22,8	35,4	50,6
Total	21.266	16.308	7,6	8,1	9,7	9,7	0,8	2,4	6,2	7,5

Nota: América Latina exceto Brasil.

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em alta tecnologia incorporada, o Brasil tinha vantagem, em 1998, no mercado Latino Americano em quase todos os setores, exceto nos produtos de rádio, televisão e equipamentos de comunicação.

Em aeronaves e espaçonaves, o Brasil permanece com participação superior à da China. Já em instrumentos médicos, de precisão e de óptica, a participação da China já apresenta-se superior à do Brasil em 2003 e finaliza o ano de 2008 com participação de 7,6%, enquanto a do Brasil permanece em torno de 1,8% em todos os anos.

No setor de máquinas de escritório, contabilidade e informática, o Brasil perde participação nas exportações para a América Latina, saindo de 2,6% em 1998 e caindo para 1,4% em 2008. Já a China, parte de uma participação menor que a do Brasil, em 1998, de 1,3% e chega ao final de 2008 com participação de 18,6%.

Produtos farmacêuticos é um caso em que o Brasil ainda tem participação superior à da China, mas a taxa de crescimento da participação chinesa é 7,0 vezes maior que a brasileira, chegando, em 2008, com 4,5% do mercado e o Brasil com 6,1% (Tabela 9).

Tabela 9 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à América Latina por setor de alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Aircraft and spacecraft	542	41	0,4	1,6	9,6	6,8	0,0	0,1	0,1	0,5
Medical, precision and optical instruments	346	1.439	2,0	1,6	1,9	1,8	1,1	2,6	7,3	7,6
Office, accounting and computing machinery	307	4.163	2,6	1,3	1,4	1,4	1,3	4,1	15,5	18,6
Pharmaceuticals	750	548	4,6	4,8	5,6	6,1	1,4	2,3	3,7	4,5
Radio, TV and communications equipment	2.192	4.454	1,4	1,9	5,2	7,0	1,9	4,2	12,3	14,1
Total	4.136	10.645	2,0	2,0	4,3	4,4	1,4	3,4	10,0	11,4

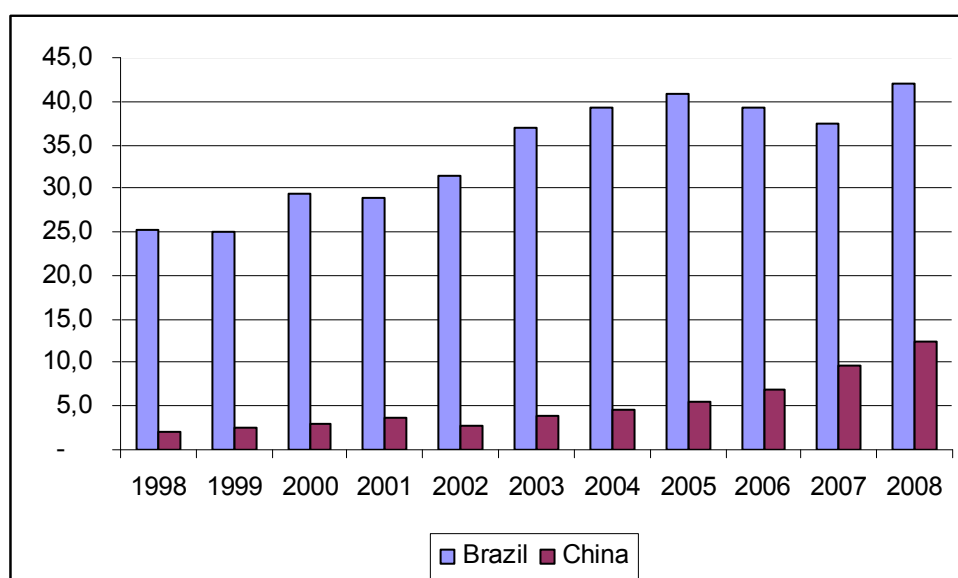
Nota: América Latina exceto Brasil.

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

3.3 Exportações de Brasil e China para a Argentina

A Argentina é um caso relevante: além de ser um grande parceiro comercial do Brasil, em 2007 foram adotadas medidas restritivas contra produtos chineses, como licenças automáticas de importação, normas de segurança adicionais e exigência por parte dos importadores de apresentação de “certificados de origem” (Barbosa, 2008). A participação do Brasil nas importações de bens industrializados pela Argentina permanece superior à da China no período inteiro, mas a diferença caiu significativamente nos últimos anos, mesmo com as medidas de 2007. A participação do Brasil era 11,6 vezes maior que a da China em 1998 e apenas 3,4 vezes em 2008 (Gráfico 11).

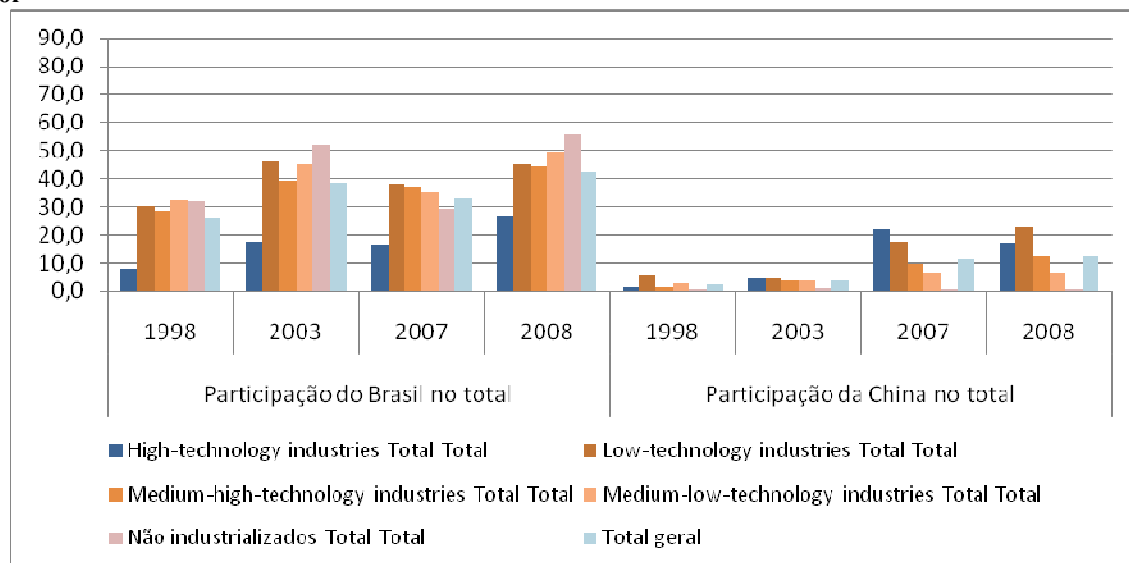
Gráfico 11– Evolução da participação de Brasil e China nas importações de produtos industriais da Argentina (%)



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

A participação do Brasil foi maior que a da China, menos em produtos de alta tecnologia em 2007. Nos setores industriais de baixa intensidade tecnológica, a participação da China cresceu 17,7 pontos percentuais enquanto a do Brasil cresceu 14,7 pontos. Nos demais níveis, o crescimento da participação do Brasil foi 4,8 vezes menor que o da China (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à Argentina por intensidade tecnológica do setor



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de baixa intensidade tecnológica, o Brasil permanece com participação de mercado maior que a da China em quase todos os setores, exceto em manufaturas não especificadas e reciclagem. Nesse setor, a participação da China ultrapassa a do Brasil chegando a 33,8% em 2008 ante uma participação de 25,1% do Brasil no mesmo ano.

Em produtos têxteis, couro e sapatos, o Brasil ainda tem vantagem em relação à China, mas a participação da China cresce consideravelmente e tende a ultrapassar o Brasil. Nos demais setores, o Brasil tem perto de 50,0% do mercado, enquanto a China aparece com menos de 5,5%, mas vale ressaltar a rápida expansão desse país (Tabela 10).

Tabela 10– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à Argentina por setor de baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Food products, beverages and tobacco	416	20	32,7	51,0	45,9	61,1	0,4	1,0	3,2	2,9
Manufacturing, n.e.c.; Recycling	158	212	17,6	21,2	18,8	25,1	16,1	17,6	43,1	33,8
Textiles, textile products, leather and footwear	641	590	37,5	60,6	41,8	43,1	11,7	7,2	24,7	39,7
Wood, pulp, paper, paper products, printing and publishing	471	40	26,5	34,6	39,3	49,4	0,6	0,3	4,1	4,2
Total	1.685	862	30,2	45,8	38,2	44,9	5,3	4,5	17,5	23,0

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores que agregam média-baixa tecnologia, o Brasil ganhou espaço nos setores de produtos de petróleo refinado, coque e combustível nuclear, passando de uma participação de 0,3% em 1998 para 30,4% em 2008. No caso de construção e reparação de navios e barcos, a Argentina parece ter “trocado” a China pelo Brasil entre 2007 e 2008. Em 2007, a China tinha participação de 19,0% e passou a ter participação de 4,2% em 2008. O Brasil tinha participação de 0,1% em 2007 e

passou a participar com 27,4% das exportações desse setor à Argentina. Nos demais setores, a participação do Brasil ainda é alta, mas a China vem crescendo (Tabela 11).

Tabela 11 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à Argentina por setor de média-baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Basic metals and fabricated metal products	2.057	247	39,4	52,1	47,7	64,7	2,4	3,9	7,4	7,8
Building and repairing of ships and boats	25	4	0,1	0,4	0,1	27,4	0,1	0,2	19,0	4,2
Coke, refined petroleum products and nuclear fuel	738	42	0,3	21,8	12,9	30,4	1,3	0,5	0,7	1,7
Other non-metallic mineral products	182	60	29,8	39,8	37,8	45,7	5,8	4,9	14,7	15,2
Rubber and plastics products	609	121	26,0	44,5	34,9	50,1	3,3	4,4	9,8	10,0
Total	3.610	475	32,7	45,1	35,1	49,4	2,9	3,9	6,7	6,5

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de média-alta tecnologia, o Brasil perdeu participação em equipamentos de estrada de ferro e equipamentos de transporte. Em 1998 a participação do Brasil nos produtos desse setor era de 15,2% e a da China de 12,2%, números que passaram para 21,1% e 68,3% em 2008. Em máquinas e equipamentos, a participação chinesa cresceu muito, mas a participação do Brasil ainda é superior em 9,2 pontos percentuais. Houve movimento parecido nos setores de maquinaria elétrica e instrumentos.

Nos setores de veículos motorizados, trailers e semi-trailers, o Brasil permanece com mais da metade do mercado nas importações Argentinas, enquanto a China ainda tem participação muito pequena. Em 2008 a participação do Brasil foi de 71,8% e a da China foi de 1,2%. Nesse setor as exportações brasileiras para a Argentina são mais ameaçadas pelos planos de investimento direto chinês. São exemplos, a empresa chinesa Foton que pretende instalar na Argentina uma planta produtora de caminhões que começará a produzir ainda em 2010 e a Chery Automobile Corporation Ltd que firmou, em 2007, um acordo com o grupo argentino SOCMA para criar uma empresa mixta (Chery - Socma) com base no Uruguai, na fábrica da OFEROL S.A. (histórica empresa de autopeças de capital uruguaio), destinada à montagem de automóveis com marca chinesa para o mercado regional, ou seja, o mercado para onde o Brasil exporta (LASOS/CEFS, 2009).

Em produtos químicos, a participação do Brasil manteve-se quase no mesmo nível, enquanto a participação da China cresceu de 2,3% em 1998 para 18,8 em 2008 (Tabela 12).

Tabela 12– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à Argentina por setor de média-alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Chemicals excluding pharmaceuticals	1.938	1.245	26,8	34,6	27,5	29,3	2,3	4,6	10,3	18,8
Electrical machinery and apparatus, n.e.c.	621	242	17,7	32,0	24,5	36,3	2,2	9,1	16,8	14,1
Machinery and equipment, n.e.c.	1.402	887	16,2	30,0	23,0	25,1	1,7	3,6	13,4	15,8
Motor vehicles, trailers and semi-trailers	6.054	97	42,0	58,7	63,1	71,8	0,3	0,1	0,9	1,2
Railroad equipment and transport equipment, n.e.c.	97	314	15,2	42,3	22,1	21,1	12,2	19,0	58,1	68,3
Total	10.112	2.784	28,6	39,6	37,3	44,3	1,4	3,5	9,7	12,2

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de alta tecnologia, a participação da China superou a do Brasil em 2007, mas, em 2008, ano da crise internacional, o Brasil voltou a ter vantagem sobre a China. Em instrumentos médicos, ópticos e de precisão, a participação da China expandiu-se 4,4 vezes mais que a expansão brasileira, chegando a 2008 com participação apenas 3,2 pontos percentuais menor que a do Brasil, mas um ano antes a China ultrapassou o Brasil em 0,9 pontos percentuais. Em produtos do setor de máquinas para escritório, contabilidade e informática, a China saltou de 1,8% em 1998 para 37,4% em 2008, enquanto a participação do Brasil saiu de 8,9% para 13,9%. Nos produtos farmacêuticos e no setor de rádio, TV e equipamentos de comunicação, a participação do Brasil ainda é maior, mas a participação da China cresce de forma acelerada (Tabela 13).

Tabela 13– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas à Argentina por setor de alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Aircraft and spacecraft	2	0	0,7	5,1	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Medical, precision and optical instruments	122	93	6,6	9,9	10,0	13,2	1,9	3,0	10,9	10,0
Office, accounting and computing machinery	163	437	8,9	22,5	8,6	13,9	1,8	10,4	43,8	37,4
Pharmaceuticals	151	77	11,8	11,5	8,4	13,0	1,2	2,9	8,1	6,6
Radio, TV and communications equipment	972	303	8,3	34,9	32,8	54,2	1,5	6,4	24,7	16,9
Total	1.409	909	8,1	17,6	16,5	26,6	1,4	4,7	21,9	17,2

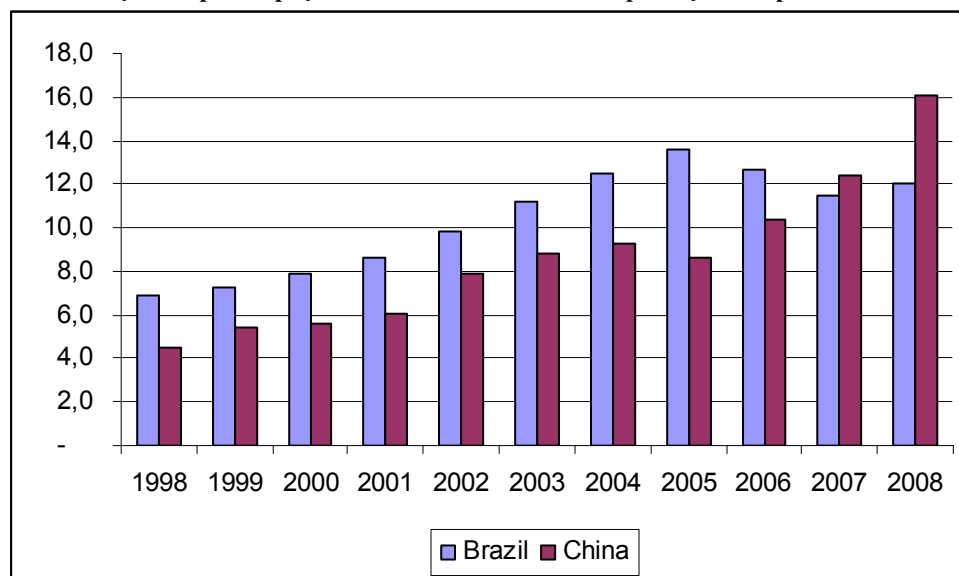
Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

3.4 Exportações de Brasil e China para o Chile

O Chile é outro caso interessante, pois, em novembro de 2005, o país assinou um acordo de livre comércio com a China, explicado pela complementaridade e proximidade das duas economias e pela política externa chilena de ampliar e diversificar as relações comerciais a partir de negociações bilaterais (BARBOSA, 2008).

No ano posterior à assinatura desse acordo, a participação da China nas importações de produtos industriais passa de 8,6% para 10,4% e a do Brasil cai de 12,7% para 11,5%. Em 2007 a participação da China já é maior do que a do Brasil e, em 2008 apresenta-se 4 pontos percentuais superior à do Brasil (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Evolução da participação de Brasil e China nas importações de produtos industriais do Chile (%)



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

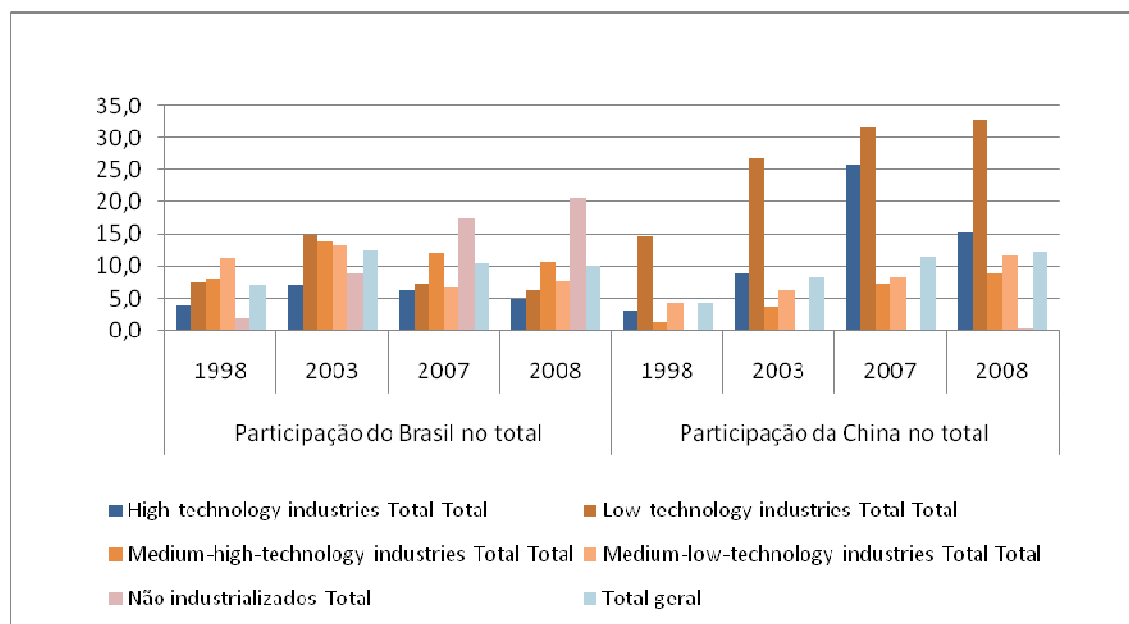
Nos setores de baixa tecnologia agregada, a participação da China sempre foi maior que a do Brasil nas importações chilenas. Além disso, a China ganhou espaço enquanto o Brasil perdeu espaço entre 1998 e 2008. Nesse período, a participação do Brasil caiu de 7,4% para 6,2%. Ao mesmo tempo, a China saiu de 4,3% em 1998 e chegou em 2008 com participação de 16,0%.

Em setores de média-baixa tecnologia, o Brasil perdeu espaço e a China ganhou. A participação brasileira caiu de 11,2% para 7,5%, enquanto a da China cresceu de 4,3% para 11,5%.

O Brasil permanece com participação maior que a da China nas importações chilenas, nos setores com média-alta tecnologia agregada. No entanto, a participação do Brasil está caindo ao passo que a chinesa cresce.

Em 1998, a participação do Brasil nos setores com alta tecnologia adicionada era 0,9 ponto percentual maior que a da China. Entre 1998 e 2007, os dois ganharam participação e, entre 2007 e 2008, os dois perderam. Entretanto, a expansão da China foi 16,6 vezes maior que a expansão brasileira (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao Chile por intensidade tecnológica do setor



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nesses setores, o Brasil tem participação superior a da China em alimentos, bebidas e tabaco e madeira, papel, celulose e produtos de papel, impressão e publicação. No primeiro, a participação da China ainda é pequena, mas já chega em um terço da brasileira e o Brasil está perdendo participação. No segundo, apesar da participação ainda ser menor, ela cresceu de 0,5 para 5,2% enquanto a do Brasil caiu em 0,1 ponto percentual entre 1998 e 2008.

Em manufaturas não especificadas e reciclados e produtos têxteis, couro e sapatos, a participação da China é bem superior à do Brasil e crescente. Nos mesmos produtos, a participação brasileira tende a se reduzir (Tabela 14).

Tabela 14 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao Chile por setor de baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Food products, beverages and tobacco	150	48	6,1	24,9	6,8	6,1	0,3	0,5	1,3	2,0
Manufacturing, n.e.c.; Recycling	45	305	5,3	9,5	9,1	6,4	23,0	39,2	53,0	43,8
Textiles, textile products, leather and footwear	86	1.816	5,9	7,1	4,8	3,3	32,6	59,4	66,7	69,7
Wood, pulp, paper, paper products, printing and publishing	136	53	13,6	15,9	12,3	13,5	0,5	1,2	6,2	5,2
Total	417	2.222	7,4	14,9	7,2	6,2	14,7	26,9	31,6	32,8

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

A China ultrapassou a participação do Brasil em todos os setores desse nível de intensidade tecnológica.

Em metais básicos e produtos fabricados de metal, a participação do Brasil caiu de 20,2% em 2003 para 17,5% em 2008 ao passo que a participação da China cresceu de 7,2% para 26,3%

nos mesmos anos. Ou seja, a participação do Brasil retraiu-se em 13,5% enquanto a chinesa expandiu-se em 266,7% entre 2003 e 2008.

Nos setores de construção e reparação de navios e barcos, a participação do Brasil passou de 0,4% para zero e a da China, de 0,2% para 4,9% entre 1998 e 2008.

Em coque, produtos de petróleo refinado e combustível nuclear, a participação do Brasil caiu em 0,3 ponto percentual e a da China cresceu em 0,5 ponto percentual, entre 1998 e 2008.

O Brasil também perdeu participação e a China ganhou, ultrapassando o Brasil, em outros produtos de minerais não metálicos. Nesse setor, a participação do Brasil variou negativamente em 3,1% enquanto a chinesa variou positivamente em 134,9%.

Nos produtos de plástico e borracha, a China ultrapassou a participação do Brasil em 5,7 pontos percentuais, em 2008. O Brasil saiu de 10,0% em 1998 e chegou em 12,7% em 2008. Para os mesmos anos, a China partiu de 3,7% e atingiu 18,5% (Tabela 15).

Tabela 15 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao Chile por setor de média-baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Basic metals and fabricated metal products	532	799	12,2	20,2	18,1	17,5	3,9	7,2	19,8	26,3
Building and repairing of ships and boats	0	1	0,4	0,0	0,0	0,0	0,2	0,2	1,0	4,9
Coke, refined petroleum products and nuclear fuel	5	36	0,4	0,3	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,7
Other non-metallic mineral products	68	108	14,2	20,1	15,4	13,8	9,2	11,8	22,2	21,7
Rubber and plastics products	138	200	10,0	16,7	12,1	12,7	3,7	11,1	16,7	18,5
Total	743	1.144	11,2	13,3	6,7	7,5	4,3	6,3	8,1	11,5

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em média alta tecnologia, a China já ultrapassou a participação do Brasil em quase todos os setores, exceto em veículos motorizados, trailers e semi-trailers. Apesar disso, a participação da China é crescente e foi apenas 3,4 vezes inferior à brasileira em 2008.

No setor de produtos químicos, a participação da China já é 1,8 pontos percentuais maior que a brasileira. Entre 2003 e 2008, o Brasil teve sua participação reduzida em 6,2 pontos, enquanto a chinesa elevou-se em 6,1 pontos. Ou seja, o que o Brasil perdeu, a China ganhou.

Maquinaria elétrica e instrumentos ambos os países ganham participação, mas a participação da China expandiu-se a uma taxa 6,0 vezes maior que a brasileira, chegando em 2008 com 4,5 pontos percentuais a mais.

No setor de máquinas e equipamentos, a participação da China era 3,8 vezes menor que a do Brasil em 1998. Em 2008, a primeira já é 1,3 vezes maior que a segunda.

Em equipamentos de estrada de ferro e equipamentos de transporte, a participação da China sempre foi maior que a brasileira (Tabela 16).

Tabela 16 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao Chile por setor de média-alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Chemicals excluding pharmaceuticals	281	356	8,1	13,1	10,6	6,9	0,9	2,6	6,7	8,7
Electrical machinery and apparatus, n.e.c.	154	218	7,3	11,1	10,7	10,7	4,0	10,3	14,5	15,2
Machinery and equipment, n.e.c.	399	508	5,9	9,1	7,6	7,8	1,6	4,8	9,2	9,9
Motor vehicles, trailers and semi-trailers	788	230	10,8	22,7	17,5	17,7	0,1	0,6	2,1	5,2
Railroad equipment and transport equipment, n.e.c.	5	46	0,4	2,1	29,3	2,6	7,4	13,5	29,4	24,1
Total	1.627	1.358	7,9	13,9	12,0	10,6	1,3	3,7	7,2	8,9

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em alta tecnologia, o Brasil tinha vantagem em relação a China, em 1998, e perdeu, em todos os setores, exceto em rádio, TV e equipamentos de comunicação, setor no qual o Brasil nunca teve vantagem em relação a China nas importações do Chile. Nesse setor, a participação do Brasil cresceu, mas a uma taxa 2,9 vezes inferior à taxa de crescimento da participação das exportações chinesas.

Ainda que pequena a sua participação, o Brasil tem vantagem em relação a China no setor de aviões e espaçonaves. No setor de instrumentos médicos, ópticos e de precisão, a participação do Brasil era 1,3 vezes maior que a da China, em 1998. Em 2007, a participação da China foi 3,1 vezes maior que a do Brasil. Em 2008, essa relação caiu para 2,3 vezes.

Máquinas para escritório, contabilidade e informática o Brasil perdeu participação e a China ganhou. Em 1998 a participação do Brasil era de 5,6% e a da China de 2,2%. Em 2008, a China atinge uma participação de 29,0% e a brasileira se vê reduzida para 4,2%. Mas, vale ressaltar que de 2007 para 2008, o Brasil ganhou participação enquanto a China perdeu.

Em produtos do setor farmacêutico, em 2003, o Brasil ainda tinha vantagem em relação à China. Esses países tinham participação 1,4 vezes inferior em relação a brasileira. Em 2008, a relação se inverte. A participação do Brasil é 1,3 vezes menor que a da China (Tabela 17).

Tabela 17 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao Chile por setor de alta tecnologia

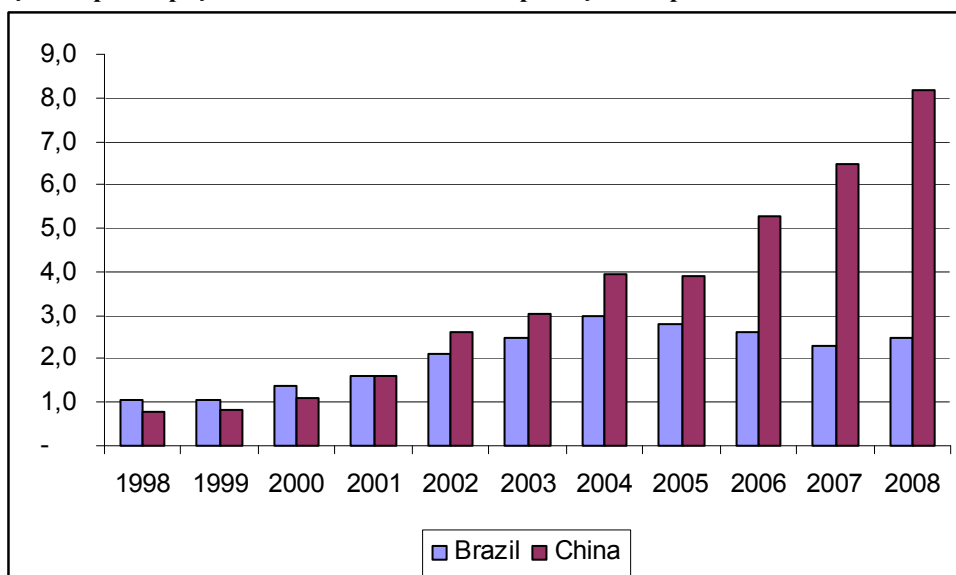
Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Aircraft and spacecraft	1	0	0,9	1,3	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Medical, precision and optical instruments	24	53	3,4	3,8	3,2	3,3	2,7	6,3	10,0	7,5
Office, accounting and computing machinery	40	276	5,6	7,0	3,2	4,2	2,2	9,3	38,5	29,0
Pharmaceuticals	56	74	7,0	8,0	8,2	7,3	1,4	5,6	10,0	9,5
Radio, TV and communications equipment	138	406	4,2	12,1	9,2	10,8	5,7	17,8	29,8	31,7
Total	259	809	3,9	7,1	6,1	4,9	3,0	8,9	25,8	15,2

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

3.5 Exportações de Brasil e China para o México

No caso do México, a participação da China em produtos industriais ultrapassa a do Brasil já no ano de 2002 e, em 2008, a participação da China já é 3,3 vezes maior que a do Brasil. Entre 1998 e 2008, a participação do Brasil cresceu a taxa de 134%, enquanto a da China 965% (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Evolução da participação de Brasil e China nas importações de produtos industriais do México (%)



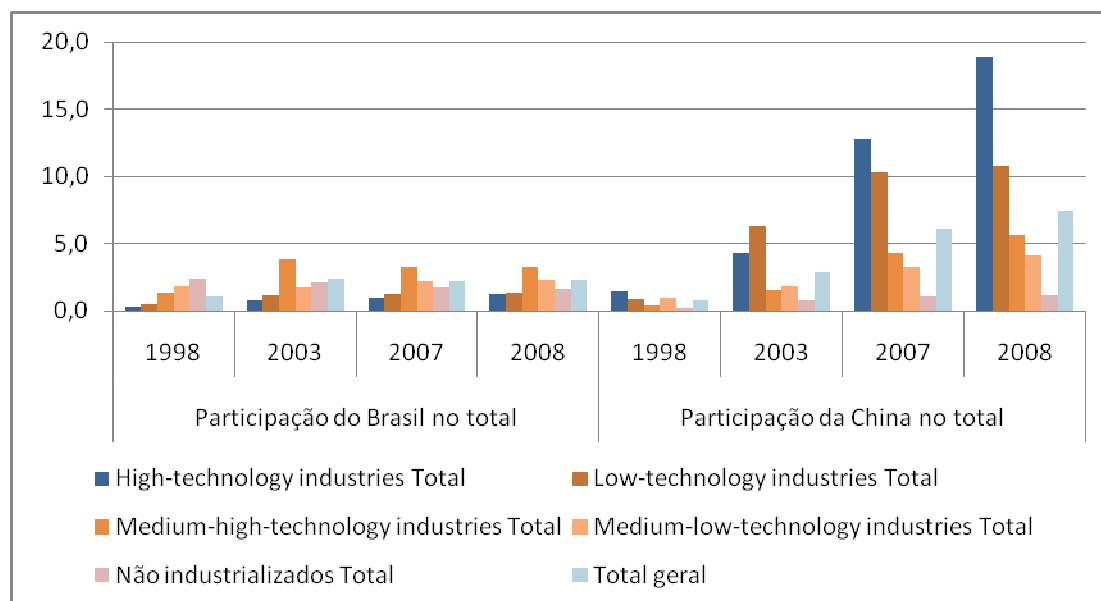
Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em 1998, o Brasil tinha participação na pauta de importações mexicana maior que a da China em setores de média-baixa e média-alta intensidade tecnológica. Já em 2008, a participação da China encontra-se quase duas vezes maior que a do Brasil nos dois casos.

Nas importações mexicanas dos setores com baixa intensidade tecnológica, o Brasil participava com 0,4% em 1998, enquanto a China participava com 0,9%. Ou seja, participação apenas duas vezes maior que a brasileira. Em 2008, no entanto, a China encerrou o ano com participação de 10,8% e o Brasil com 1,3%. Isso significa que a diferença entre participações quadruplicou. A China atingiu participação 8,2 vezes maior que a brasileira.

Desempenho semelhante ocorreu com os setores de alta intensidade tecnológica. Em 1998, a participação da China nas importações mexicanas era 4,6 vezes maior que a brasileira. Em 2008, essa diferença chega a 14,7 vezes (Gráfico 16).

Gráfico 16 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao México por intensidade tecnológica do setor



Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de baixa intensidade tecnológica, o Brasil manteve sua participação em 0,6% no setor de comida, bebida e tabaco. Enquanto, a China, expandiu sua participação de 0,3% para 2,7%, ultrapassando a participação brasileira. A China também ultrapassou a participação brasileira nos produtos do setor de madeira, celulose, papel e produtos de papel. Em 1998, o Brasil participava com 0,3% das importações mexicanas e a China com 0,1%. Em 2008, a participação da China apresenta-se 1,8 vezes maior que a do Brasil. Nos demais setores desse nível de intensidade tecnológica, a participação da China foi maior que a do Brasil em todos os anos analisados, mas aquela se expandiu a taxas muito superiores à essa.

Em manufaturas não especificadas e recicladas, a participação da China expande-se de 1,3% para 23,5% entre 1998 e 2008. Já a brasileira se mantém em torno de 1,2%. No setor de produtos têxteis, couro e sapatos, a participação do Brasil cresce de 0,5% para 2,5%, enquanto, a da China cresce de 1,5% para 24,2% (Tabela 18).

Tabela 18– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao México por setor de baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Food products, beverages and tobacco	54	263	0,6	0,8	0,6	0,6	0,3	0,9	2,3	2,7
Manufacturing, n.e.c.; Recycling	39	711	0,3	1,2	1,2	1,3	1,3	6,8	14,8	23,5
Textiles, textile products, leather and footwear	165	1.584	0,5	1,4	2,1	2,5	1,5	13,7	24,9	24,2
Wood, pulp, paper, paper products, printing and publishing	68	123	0,3	1,3	1,2	1,2	0,1	0,4	2,0	2,2
Total	325	2.681	0,4	1,2	1,2	1,3	0,9	6,3	10,3	10,8

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de média-baixa intensidade tecnológica, a China ultrapassou a participação do Brasil em metais básicos e produtos de metal, construção e conserto de barcos e navios e outros produtos de minerais não metálicos. No setor de produtos de metal, a participação do Brasil era 3,9 vezes maior que a participação da China em 1998, mas, em 2008, essa relação inverte. Agora, a participação da China é 1,4 vezes superior à brasileira.

Em outros produtos de minerais não metálicos, a relação de participações também se inverte. Em 1998, a participação do Brasil era de 2,2% e a da China de 1,6%. Já em 2008, a participação da China apresenta-se 3,5 vezes maior que a do Brasil.

Em coque, produtos de petróleo refinado e combustível nuclear, a China está perdendo participação, mas o Brasil ainda não tem participação nessas importações mexicanas. O setor de borracha e produtos plásticos é um caso em que Brasil e China concorriam de forma igual em 1998. Ambos tinham participação de 0,3%. Em 2008, no entanto, a participação da China foi quase duas vezes maior que a brasileira (Tabela 19).

Tabela 19 – Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao México por setor de média-baixa tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Basic metals and fabricated metal products	587	802	2,5	2,9	3,1	3,7	0,7	1,6	3,7	5,0
Building and repairing of ships and boats	0	0	26,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,1	0,1
Coke, refined petroleum products and nuclear fuel	1	95	0,1	0,0	0,0	0,0	11,3	1,8	0,7	0,8
Other non-metallic mineral products	69	242	2,2	2,7	4,4	4,8	1,6	4,6	9,1	16,7
Rubber and plastics products	226	433	0,3	1,0	2,6	2,8	0,3	1,6	4,3	5,4
Total	883	1.573	1,8	1,8	2,2	2,3	0,9	1,8	3,2	4,1

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Em média-alta intensidade tecnológica o Brasil mantém participação maior que a da China no setor de veículos motorizados, trailers e semi-trailers, mas aqui trata-se de um caso semelhante ao mesmo setor na Argentina. A ameaça às exportações brasileiras está nos investimentos diretos chineses. Também são dois os casos, a First Automobile Group que planeja construir uma montadora em associação com o Grupo Salinas, um investimento conjunto de 150 milhões de dólares em três anos, e a Foton que planeja investir mais de 250 milhões de dólares (CILAS, 2009).

Nos setores de máquinas e equipamentos, e químicos exceto produtos farmacêuticos, a participação do Brasil era duas vezes maior que a da China, em 1998. Em 2008, a participação da China nesses produtos foi três vezes maior que a do Brasil.

A participação da China estava no mesmo nível que a brasileira, porém, pouco acima, em 1998, nos setores de máquinas elétricas e acessórios e equipamentos de estrada de ferro e de

transporte. A participação brasileira, no entanto, chegou a um por cento e 6,0%, respectivamente, nesses setores, enquanto a da China foi de 9,0% e 37,4% (Tabela 20).

Tabela 20– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao México por setor de média-alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Chemicals excluding pharmaceuticals	226	630	1,1	0,6	1,1	1,0	0,4	1,3	2,8	2,9
Electrical machinery and apparatus, n.e.c.	126	1.130	0,2	0,8	0,9	1,0	0,4	3,0	6,3	9,0
Machinery and equipment, n.e.c.	698	2.002	1,0	2,0	3,0	3,4	0,5	1,8	8,1	9,8
Motor vehicles, trailers and semi-trailers	1.432	335	2,6	8,8	6,5	6,5	0,0	0,1	1,1	1,5
Railroad equipment and transport equipment, n.e.c.	43	267	0,4	5,9	2,9	6,0	1,8	22,3	15,0	37,4
Total	2.525	4.365	1,3	3,8	3,2	3,3	0,4	1,5	4,3	5,6

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

Nos setores de alta intensidade tecnológica, o Brasil ganhou participação e tem vantagem em relação a China em aeronaves e espaçonaves. Em farmacêuticos, a participação de Brasil e China está crescendo. Em alguns anos a China teve participação maior que a do Brasil e, em outros ocorreu o contrário. No caso de instrumentos médicos, ópticos e de precisão, máquinas para escritório, contabilidade e informática e rádio, TV e equipamentos de comunicação, a participação do Brasil mantém-se menor que um por cento enquanto a da China passa de 0,5%, 1,5% e 1,7% em 1998 para 15,1%, 29,8% e 25,8%, respectivamente, em 2008 (Tabela 21).

Tabela 21– Participação de Brasil e China nas exportações destinadas ao México por setor de alta tecnologia

Classificação Setorial	US\$ Milhões em 2008		Participação do Brasil no total				Participação da China no total			
	Brasil	China	1998	2003	2007	2008	1998	2003	2007	2008
Aircraft and spacecraft	97	3	0,0	0,0	4,6	3,5	0,1	0,0	0,2	0,1
Medical, precision and optical instruments	42	918	0,4	0,6	0,5	0,7	0,5	2,1	8,9	15,1
Office, accounting and computing machinery	33	2.228	0,2	0,3	0,6	0,4	1,5	7,2	25,6	29,8
Pharmaceuticals	113	137	2,1	2,5	3,2	3,1	1,3	2,6	2,7	3,8
Radio, TV and communications equipment	61	1.799	0,2	0,8	0,3	0,9	1,7	4,7	12,9	25,8
Total	345	5.086	0,3	0,8	1,0	1,3	1,4	4,2	12,8	18,9

Fonte: Comtrade. Elaboração: Própria.

NOTAS FINAIS

Os resultados obtidos indicam que a concorrência dos produtos manufaturados chineses ameaça a participação dos produtos brasileiros nos três países analisados e permitem identificar alguns nichos de competitividade que podem ser explorados.

Para os EUA, a participação da China no total das importações supera a do Brasil em todos os níveis de tecnologia. Nos setores de alta tecnologia o Brasil tem vantagem em aeronaves, naves espaciais. Nos setores de tecnologia média-baixa, o Brasil tem vantagem em construção e conserto de navios. A China ultrapassou a participação do Brasil, nos setores de comida, bebidas e tabaco, madeira, papel e celulose e veículos, trailers e semi-trailers.

Na América Latina o Brasil mantém vantagem sobre a China nos setores de aeronave e espaçonaves; farmacêuticos; veículos motorizados, trailers e semi-trailers; madeira, papel e produtos de papel; químicos; metais básicos e seus produtos; e comidas, bebidas e tabaco. O Brasil perdeu participação e a China ganhou em máquinas para escritório, contabilidade e informática. A participação da China ultrapassou a do Brasil em instrumentos médicos, ópticos e de precisão, máquinas e equipamentos, maquinaria elétrica e seus aparatos, outros produtos minerais não metálicos e produtos de borracha e plástico.

Para a Argentina, o Brasil tem participação maior que a da China em quase todos os setores de baixa intensidade tecnológica, exceto em manufaturas não especificadas e reciclagem. Nos produtos têxteis, couro e sapatos, o Brasil ainda tem vantagem, mas a participação da China cresce muito e tende a ultrapassar o Brasil. Nos setores de média-baixa tecnologia, o Brasil ganhou espaço em produtos de petróleo refinado, coque e combustível nuclear. Em construção e reparação de navios e barcos, a Argentina parece ter “trocado” a China pelo Brasil entre 2007 e 2008. Nos demais segmentos, a participação do Brasil é alta, mas a China vem crescendo significativamente.

Nos setores de média-alta tecnologia, o Brasil perdeu participação em equipamento da estrada de ferro e equipamento de transporte. Em maquinaria elétrica e instrumentos, máquinas e equipamentos e químicos, o Brasil tem vantagem, mas a China expandiu muito suas vendas. O único setor em que a China ainda está longe de alcançar a participação brasileira é o de veículos motorizados, trailers e semi-trailers.

Nos itens com alta tecnologia agregada, a participação chinesa cresceu mais que a do Brasil no setor de instrumentos médicos, ópticos e de precisão. Nos produtos do setor de máquinas para escritório, contabilidade e informática, a China ultrapassou a participação do Brasil e nos produtos farmacêuticos e no setor de rádio, TV e equipamentos de comunicação, a participação do Brasil ainda é maior, mas a participação da China cresce de forma acelerada.

No Chile, o Brasil perdeu participação e a China ganhou nos setores de madeira, papel, celulose e produtos de papel, impressão e publicação, veículos motorizados, trailers e semi-trailers e alimentos, bebidas e tabaco, ainda assim, a participação brasileira nesses produtos é maior que a da China. O Brasil também perdeu participação e a China ganhou em manufaturas não especificadas e reciclados e produtos têxteis, couro e sapatos, mas a participação da China é bem superior à do Brasil. A participação da China ultrapassou a brasileira nos seguintes setores: coque, produtos de petróleo refinado e combustível nuclear, de construção e reparação de navios e barcos, metais básicos e produtos fabricados de metal, outros produtos de minerais não metálicos, produtos de plástico e borracha, produtos químicos, maquinaria elétrica e instrumentos, máquinas e equipamentos, instrumentos médicos, ópticos e de precisão, máquinas para escritório, contabilidade e informática e de produtos farmacêuticos. Apesar de o Brasil ter ganhado participação em equipamentos de estrada de ferro e equipamentos de transporte e rádio, TV e equipamentos de comunicação a participação da China sempre foi maior.

Para o México, a participação da China ultrapassou a brasileira, em produtos alimentícios, bebidas e tabaco, madeira, celulose, papel e produtos de papel, metais básicos e produtos de metal, construção e conserto de barcos e navios e outros produtos de minerais não metálicos, borracha e produtos plásticos, máquinas e equipamentos, químicos exceto produtos farmacêuticos

A China teve participação superior à brasileira em todos os anos analisados e cresce a taxas muito maiores que a do Brasil em manufaturas não especificadas e recicladas, produtos têxteis, couro e sapatos, máquinas elétricas e acessórios, equipamentos de estrada de ferro e de transporte, instrumentos médicos, ópticos e de precisão, máquinas para escritório, contabilidade e informática e rádio, TV e equipamentos de comunicação.

Em coque, produtos de petróleo refinado e combustível nuclear, a China está perdendo participação, mas o Brasil ainda não tem participação nesse mercado. Em farmacêuticos, a China teve participação maior que a do Brasil em alguns anos e, em outros, ocorreu o contrário. O Brasil mantém participação maior que a da China nos setores de veículos motorizados, trailers e semi-trailers e aeronaves e espaçonaves.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. Base de dados, 2009.

BARBOSA, Alexandre de Freitas & TEPASSÊ, Ângela Cristina. *O Ciclo da Economia Global e as Relações Comerciais entre Brasil e China*. In: ALTEMANI, H. (Org.). *China e Índia na América Latina - Oportunidades e Desafios*. Curitiba: Juruá, 2009.

- BARBOSA, Alexandre de Freitas. *As Relações Econômicas e Geopolíticas entre a China e a América Latina: Parceria Estratégica ou Interdependência Assimétrica?* São Paulo: IOS, 2009.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas. *The Rising China and Its Impacts on Latin America: Strategic Partnership or a New International Trap?*, in: VIII Reunión de la Red de América Latina y el Caribe sobre Ásia del Pacífico (REDEALAP), Bogotá, agosto de 2008.
- BLÁZQUEZ-LIDOY, Jorge; RODRÍGUEZ, Javier & SANTISO Javier. *Ángel o demônio? Los efectos Del comércio chino em los países de América Latina*. Revista de La Cepal. diciembre, 2006.
- CASTRO, Antônio Barros de, *From Semi-Estagnation to Growth in a Sino-Centric Market*, in: Brazilian Journal of Political Economy, v. 28, n. 1 (109), janeiro-março de 2008.
- CASTRO, Antônio Barros de. *No espelho da China*, 2008. Disponível em: <<http://desempregozero.org/wp-content/uploads/2008/02/no-espelho-da-china1.pdf>> Acesso em: 13/02/2009.
- CILAS. Inversiones Chinas en México. In: Proyecto “Made in China” RedLat/FNV. México: CILAS, 2009.
- COUTINHO, Luciano; HIRATUKA, Célio; LAPLANE, Mariano (Orgs.). *Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil*. São Paulo: UNESP; Campinas, SP: Instituto de Economia da Unicamp, 2003.
- FAJNZYLBBER, Fernando. *Industrialización en América Latina: de la “caja negra” al “casillero vacío”*. In: CEPAL. Cincuenta años de pensamiento en la CEPAL: textos seleccionados. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1998. v.II. p. 819-852.
- FERRAZ, Galeno Tinoco & MACHADO, João Bosco Mesquita. *Comércio Externo da China: Efeitos sobre as exportações Brasileiras*. Texto para Discussão No 1182. Brasília: IPEA, mai/06.
- FURTADO, Celso. *O Mito de Desenvolvimento Econômico*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985;
- FURTADO, João. *Muito Além da Especialização Recessiva e da Doença Holandesa*. Novos Estudos 8. Julho, 2008.
- GIPOULOUX, François. *A China do Século XXI: Uma nova superpotência?* Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- HIRATUKA & SARTI. *Ameaça das exportações Chinesas nos Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil*. Boletim NEIT número 10. Campinas: Dez/2007.
- JENKINS, Rhys; PETERS, Enrique Dussel & MOREIRA, Mauricio Mesquita. *The Impact of China on Latin America and the Caribbean*. World Development Vol. 36, No 2, pp. 235-253, 2007.
- LASOS/CEFS. Inversiones Chinas en Argentina. In: Proyecto “Made in China” RedLat/FNV. Buenos Aires: Instituto Lasos/CEFS, 2009.
- PREBISCH, Raul. *Interpretação do Processo de Desenvolvimento Econômico*, in Revista Brasileira de Economia, ano 5, nº 1, março de 1951.